

5.

Considerações finais

Nas nossas entrevistas, o jornalista Marcelo Moreira fez a seguinte definição: “a madrugada é o goleiro do time de futebol. Se você deixar escapar na madrugada, só tem você e aí a culpa é sua. Durante o dia, você tem dez equipes, vinte equipes. Se passa uma notícia, tem mais gente para dividir a responsabilidade do erro”. (MOREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor). A frase leva em consideração a individualidade da reportagem na madrugada. A ausência de chefias, o trabalho solitário, a obrigatoriedade em se tomar decisões: aspectos de apenas uma das características abordadas deste trabalho, mas que, por si só, é muito significativa do ponto de vista da responsabilidade que o repórter da madrugada assume nas redações.

Responsabilidade que é assumida por profissionais, em sua maior parte, pouco experientes. A madrugada e o jornalismo policial, como apontou Travancas (1993), são vistos como porta de entrada de jornalistas recém-formados ou recém-contratados pela empresa jornalística. Ao abordarmos a trajetória dos profissionais entrevistados, 13 dos 21 trabalham e/ou trabalharam na madrugada porque essa era a vaga disponível para entrar na empresa ou para assumir uma nova função dentro da corporação. A situação é a mesma da minha: ao me tornar repórter de TV, a oportunidade que tinha era para a vaga neste horário. Por outro lado, nas definições sobre a reportagem na madrugada pedidas aos próprios jornalistas, as citações giram em torno de características associadas à experiência profissional. Existe aí um paradoxo. Ao mesmo tempo que as empresas escalam para essas jornadas profissionais menos experientes, quem trabalha nessa função diz que é fundamental ter experiência.

Não se trata apenas de ganho de responsabilidade. Percebemos neste trabalho que o jornalista na madrugada é, por natureza, multitarefas. A ausência de chefias e de várias funções no horário obriga os profissionais a assumirem diferentes papéis em seus trabalhos. É o técnico que assume a função de motorista e, muitas vezes, a de repórter, entendendo aqui repórter como o entrevistador; é o produtor e o editor que tomam decisões, em outros horários tomadas por chefes; é o repórter que precisa editar as páginas do site do jornal e por aí vai. Com a diminuição dos postos de trabalho nas redações e o aumento das tarefas com o

surgimento dos portais, uma tendência em todo o jornalismo é que o repórter assumia mais tarefas. Mas isso já está na essência da madrugada. Luarlindo Ernesto apontou a vez que precisou parar as máquinas do Jornal do Brasil, o que só poderia ser feito pelo secretário de redação ou editor-chefe em situações atípicas.

Para poder fazer um bom trabalho, o jornalista precisa recorrer a estratégias e técnicas que possam compensar a sua ausência de bagagem. Uma dessas, se não a principal, é a cadeia de solidariedade. A colaboração entre jornalistas de diferentes veículos de comunicação é uma característica (Travancas, 1993; Tuchman, 1978) que não é exclusiva da madrugada e nem do jornalismo brasileiro. Mas nossa pesquisa de campo mostrou que a solidariedade aqui difere daquela registrada pelas autoras. Ela vai além. Trata-se de um compartilhamento de informações antes de se sair das redações; de uma avaliação – muitas vezes conjunta – da segurança do local do acontecimento e dos trajetos para se chegar até lá; de um deslocamento feito em grupo para ajuda mútua e segurança das próprias equipes; um compartilhamento de material produzido, ou seja, fotos tiradas e vídeos feitos com a intenção de serem divididas entre os demais colegas; solidariedade no que diz respeito às práticas profissionais, como na oportunidade em que traduzi as perguntas dos profissionais do SBT e as respostas da entrevistada pois ela só falava inglês e eles não tinham domínio da língua.

É verdade que existe uma competição entre os diferentes jornalistas, mas também existe cooperação. Talvez não possamos afirmar categoricamente que o trabalho jornalístico seja um trabalho coletivo, com exceção das equipes de TV, mas, com certeza, o trabalho jornalístico possui muita interação com outros profissionais (RODRIGO ALSINA, 2009, p.270).

Por outro lado, a visão romântica dessa prática não nos pode impedir de enxergar como essa cadeia de solidariedade é uma estratégia de defesa dos jornalistas. Ao correrem juntos e ao saírem dos locais juntos, os repórteres mitigam as possibilidades de possíveis furos. No jargão jornalístico, furo é aquela informação exclusiva que um determinado profissional consegue. Se todos chegam juntos e saem juntos de um determinado local, todos têm as mesmas peças do tabuleiro. O que vai mudar é a forma como cada um vai organizar essas peças para contar a história. Na nossa pesquisa, vimos que é possível conseguir conteúdos exclusivos mesmo dividindo informações com os colegas da madrugada. Mas essa não é a rotina. Na maior parte das vezes, a cadeia de solidariedade tem como impacto aquilo que Bourdieu observou como característica do campo jornalístico. Neste, a

concorrência, “longe de ser automaticamente geradora de originalidade e de diversidade, tende muitas vezes a favorecer a uniformidade da oferta” (BOURDIEU, 1997, p.108).

Sobre a cadeia de solidariedade, é indispensável observar também que ela se forma a partir de um feixe de relações de poder entre os repórteres que atuam de madrugada. A comunicação de um fato entre os colegas não é padronizada. Apesar de muitas informações serem divididas no grupo criado no aplicativo WhatsApp, muitas vezes os jornalistas tomam conhecimento a partir de ligações telefônicas e mensagens individuais. Isso aponta que as relações não são as mesmas com todos os membros do grupo, havendo uma escolha na definição de para quem passar a informação primeiro ou depois. Alguns jornalistas reclamam que determinados colegas não são, nas palavras deles, “parceiros”, não contando tudo o que sabem, como se dividir as informações fosse uma obrigação. A relação de confiança entre os membros é variada.

Se, por um lado, não podemos ver a cadeia de solidariedade de modo ingênuo e precisamos entendê-la como uma estratégia profissional, por outro não se pode ignorar que ela é mais do que isso. É um fio condutor de como ocorrem as relações interpessoais na madrugada. Ao contrário dos outros horários, não há rodízio nos jornalistas que trabalham até altas horas. Sendo assim, os concorrentes são sempre os mesmos, o que nos permite analisar essa solidariedade como pano de fundo para relações de poder, de amizade, de confiança e de concorrência que se estabelecem na madrugada.

Essa prática não é nova. Nossa pesquisa nos mostrou a partir das entrevistas (ERNESTO, 2016) que elas existem, pelo menos, desde a Ditadura Militar. Os depoimentos de Luarlindo Ernesto e Marcelo Moreira foram significativos para apontar que o jornalismo na madrugada do ano 2016 reproduz muitas práticas que já eram feitas nas décadas de 1960 e de 1990. Mas não todas. O recrudescimento da violência, por exemplo, trouxe mudanças importantes nos hábitos e nas práticas jornalísticas. O medo e os casos de jornalistas mortos em serviço nos últimos 20 anos no Rio de Janeiro levaram os repórteres, de maneira geral, a serem mais precavidos. Isso representou também uma mudança em como as empresas veem a questão da segurança do jornalista. Alguns depoimentos apontam que não ir a lugares considerados perigosos é mais do que um resguardo pessoal. É uma orientação profissional – que não deve ser desrespeitada, sob pena de punição.

O que observamos é que a segurança se tornou mais um critério de noticiabilidade. Ao avaliar se deve ir ou não para uma determinada notícia, o jornalista da madrugada deve fazer uma avaliação do “custo x benefício” que aquela pauta representa. Lugares considerados mais inseguros, apenas se a pauta for jornalisticamente mais importante. Lugares considerados muito perigosos, nem se a pauta for exclusiva. A questão da segurança é bastante apreendida entre os profissionais da madrugada. Eles sabem bem definir quais condições de segurança lhe são apropriados ou não. Ao contrário do que acontece com os demais critérios de noticiabilidade.

Ao longo do trabalho, foi possível perceber que os jornalistas têm dificuldade em perceber os critérios de que se apropriam para a escolha daqueles fatos e acontecimentos que possam se tornar notícia. Ao serem perguntados sobre o que levavam em consideração no processo de seleção, nenhum deles apontou a existência de uma teia de razões, que levam em consideração do interesse público ao interesse do público. Todos optaram por determinar um ou dois critérios, como se essa escolha pudesse ser tão estratificada e os critérios não fossem justapostos entre si. Observei que os profissionais com nível superior tiveram maior facilidade em apresentar os valores-notícia que aqueles que não disseram ter cursado faculdade. Ambos os grupos, no entanto, demonstraram dificuldade em apresentar na entrevista os motivos que os fazem crer que determinado acontecimento é ou não potencialmente uma notícia. Isso remete a Bourdieu (1997) que disse que os jornalistas apreendem os critérios de noticiabilidade em suas práticas profissionais, mas que estes estão tão interiorizados que os profissionais têm dificuldade em determiná-los. Notícia é notícia, porque obviamente é notícia, diz o pensamento corrente dentro da categoria.

Entre as categorias de noticiabilidade mais apresentadas como relevantes para uma notícia na madrugada, a violência e a localização dos acontecimentos foram as mais citadas. Os crimes se tornam notícia pelo conceito de desvio a que estão associados, pelo impacto que causam, pelo apelo que podem gerar e pela relevância em um contexto de aumento da criminalidade que o Rio de Janeiro vive no momento da pesquisa e da escrita desta dissertação. O contexto da localização em que algo acontece remete à proximidade do público física e simbólica, esta última muito relacionada aos casos em que envolvem pessoas e/ou bairros de elite.

Em relação às hipóteses que nortearam este trabalho, é inegável que a primeira esteja mais do que confirmada: há uma colaboração entre os jornalistas de diferentes veículos na madrugada. Como dissemos, essa colaboração é um fio condutor da trama em que se desenrolam todos os demais processos de interação entre os repórteres no horário.

Nossa segunda hipótese era de que: o processo de apuração de madrugada é à moda antiga, ou seja, o jornalista tem menos filtros no processo de apuração com as fontes. Isso não se confirmou. Não é possível afirmar que o jornalismo de madrugada é à moda antiga quando muitos repórteres dizem que, com a ausência das assessorias de imprensa no horário, recorrem ao Twitter e a outras redes sociais para saberem o que está acontecendo na cidade. A tradicional ronda, abandonada da apuração em outros horários do dia, permanece acontecendo de madrugada. Mas o uso dessa rotina pelos profissionais da madrugada não é suficiente para dizer que se trata de práticas antigas. A importância do mundo digital para o fluxo dos processos de madrugada é significativa. Apesar do compartilhamento de informações acontecer de variadas formas, o uso do grupo no WhatsApp é definitivamente uma institucionalização da cadeia de solidariedade na madrugada. Os jornalistas dividem ali informações e apurações em uma nova ferramenta que, sem dúvidas, modifica os processos existentes. Além de ferramenta para a colaboração, o WhatsApp (CARNEIRO, 2016; FIGUEIREDO e SAUDINO, 2015) foi apontado pelos entrevistados também como uma importante novidade no processo de construção da notícia. O editor Aldir Cony disse que, muitas vezes, escrevia da redação matérias baseadas apenas no material colaborativo, desde que as informações contidas neste material fossem confirmadas pelos métodos tradicionais de apuração. Com a falta de segurança pública, o material colaborativo, ou no termo cunhado por Aguiar e Barsotti (2012) o jornalismo amador, se tornou uma possibilidade de registrar aquilo que aconteceu em lugares que as equipes das mídias tradicionais não vão por medo.

Nossa terceira hipótese foi confirmada. Ela consiste na seguinte afirmação: o trabalho na madrugada tem limitações impostas pelo horário – como segurança e tecnologia – que interferem diretamente na seleção das pautas e em como elas tomarão forma na veiculação final. Quase todos os entrevistados apontaram a insegurança como uma limitação ao trabalho da madrugada. Muitos locais onde as equipes de dia vão são considerados inacessíveis por aqueles que trabalham de

madrugada. Dessa forma, uma matéria que poderia ter entrevistados, personagens, imagens do local acaba sendo feita a partir de material colaborativo em função da insegurança. Ou se transforma em reportagem fechada com material de arquivo. Como dissemos, na madrugada, a sensação de segurança, ou de falta dela, no local onde o fato aconteceu se torna um critério de noticiabilidade, pois interfere diretamente na seleção daquilo que vai se tornar notícia ou não. Essa questão, por outro lado, estimula a criatividade. Os repórteres usam estratégias para contar as histórias que aconteceram em determinados lugares sem se arriscar, como parar o carro em um recuo da Linha Amarela, importante via expressa do Rio, para fazer imagens e gravar passagens sobre o Complexo do Alemão (GIFFONI, 2016). Em relação à tecnologia, os profissionais apontaram também que a ausência de assistência técnica nas redações de madrugada impacta em uma atenção redobrada, principalmente nas emissoras de televisão: qualquer erro ou problema pode significar que a matéria simplesmente não vá ao ar.

A hipótese de que os repórteres se apropriam mais da relação com as fontes para o processo de apuração do que de dia também se confirmou. Na madrugada, é notória a participação de fontes exclusivas e não oficiais que os repórteres têm entre policiais, bombeiros e outros agentes públicos. Em muitas situações, a informação passada por essas fontes alimenta não apenas o noticiário da empresa para a qual o jornalista trabalha, mas o de todas as outras por causa do compartilhamento de informações.

Por fim, nossa quinta e última hipótese – a de que os repórteres vão mais às ruas para construir uma reportagem do que de dia – também se confirmou. Em um contexto de jornalistas sentados (NEVEU, 2009; ADGHIRNI, 2005), observamos que na madrugada o papel do repórter vai além. A falta de assessorias de imprensa e outros recursos usados durante o dia e a dificuldade em falar com as pessoas por telefone e mensagens nesse horário obrigam os jornalistas a irem às ruas para conseguir informações. Descobrir informações e materiais sentado na redação é mais difícil. Quase todos os entrevistados disseram que a apuração jornalística de madrugada acontece na rua, nos locais dos fatos. É conversando com as pessoas que os jornalistas conseguem contar as histórias.

Chegamos, assim, à resposta da nossa questão central. Sim, as práticas dos jornalistas da madrugada são diferentes daqueles que trabalham de dia. Não há nenhuma mudança em relação ao *habitus* do campo jornalístico. Mas, na

madrugada, essas práticas são adequadas e adaptadas de acordo com as limitações e os desafios dos profissionais, a partir de diversas estratégias, como as enumeradas neste trabalho.

A madrugada não vive seu melhor momento. O número de equipes por empresa é bem menor que em outros tempos e algumas redações extinguíram o posto de repórter da madrugada. As emissoras de televisão ainda permanecem com equipes no horário. Entre os motivos, os diversos jornais matinais tanto em nível local quanto em nível nacional. A falta de trabalhos anteriores sobre o tema aponta para uma questão simbólica: com baixo status nas redações, os jornalistas da madrugada se tornam muitas vezes invisíveis na correria do dia a dia. Na entrevista para este trabalho, o jornalista Marcelo Moreira disse que, para se fazer visível, o repórter da madrugada deve sair da rotina da cobertura policial:

A madrugada é muito rica. A tendência é fazer o fácil, é fazer polícia. A tendência é essa, se você não quer se preocupar muito vai ter matéria de polícia. Isso até como editor-chefe foi um aprendizado que eu tive: não vai pelo caminho fácil da polícia. Mesmo que dê audiência, mesmo que atraia muito a atenção das pessoas, você fica pesado, fica monotemático, acaba enjoando seu telespectador. Você tem que ter olhares para outras coisas. A madrugada tem matérias de comportamento, inúmeras matérias de comportamento (MOREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Claro que ter outros olhares é um diferencial de qualquer repórter. Mas o contexto em que Moreira insere a sua fala é o de que o repórter da madrugada precisa fugir do estigma de repórter de polícia para ser bem avaliado e bem-sucedido profissionalmente. Discordamos. Não é o repórter da madrugada que deve mudar de olhar para ser valorizado. É o olhar sobre o repórter de polícia e, conseqüentemente, o repórter da madrugada que deve ser menos carregado de preconceitos. Em uma cidade como o Rio de Janeiro, com os dados exorbitantes de violência, ser repórter de polícia é se arriscar para exercer uma função das mais nobres – a de denúncia dos casos que, muitas vezes por tão corriqueiros, passam despercebidos, menos, claro, para as famílias das vítimas. O repórter torna-se o porta-voz desta dor para o mundo. Nossa expectativa é de que esse trabalho, de alguma forma, tenha contribuído para tornar visível esse grupo que não mede esforços na busca da notícia. Se o horário inconveniente relega à madrugada o patamar de espaço dos iniciantes, isso não significa que eles devam ter menos status na redação. Pelo contrário, neste grupo estão ainda mais inseridas algumas características de identidade de um repórter, como a cultura do sacerdócio (BARBOSA, 2007). Não é que o jornalista esteja disponível dia e noite apenas. Ele

deixa de dormir no horário convencional para trabalhar, sem contar os plantões em feriados e fins de semana. O envolvimento entre público e privado, ou seja, o papel social jornalista, ocupa ainda mais espaço nesses sujeitos. Como disse Sponchiado (2016, entrevista concedida ao autor), na madrugada, “para você fazer um bom trabalho tem que ser um profissional bastante completo, mesmo que seja inexperiente de idade ou de tempo de carreira”.

Dessa forma, esse trabalho se apresenta como uma tentativa inicial de dar visibilidade aos repórteres da madrugada: um grupo com anseios, desejos, traumas e muitas histórias para contar. Estes jornalistas não estão sozinhos, fazem parte de um grupo maior de 13 milhões de brasileiros que trabalham nesse horário e que, muitas vezes, são ignorados pelos estudos acadêmicos. Voltando à metáfora que abre este capítulo, o que se objetivou aqui foi entender melhor as práticas, rotinas e estratégias adotadas por esses jornalistas que se assemelham aos goleiros das redações: quando o time faz um gol, ninguém lembra deles, mas se eles errarem na defesa e deixarem um gol passar, a crítica vem a jato.